

ACÇÃO E MILITÂNCIA ANARQUISTA NAS MANIFESTAÇÕES OPERÁRIAS DE 1917

Kauan Dos Santos *

Resumo:

Este artigo tem como objetivo mostrar a importância que os anarquistas exerceram por meio de estratégias políticas e de propaganda no movimento operário em São Paulo no ano de 1917. Muitas vezes esquecidos ou nomeados de “pré-políticos” e “utópicos”, é ressaltado a ação destes que construíram e fizeram parte de uma cultura política complexa e ideologicamente justificada. Analisando suas propostas de organização, contendo todo o tipo de afirmação que pressupõem um modo como a classe deveria ser, distorcendo a consciência real que os trabalhadores pudessem possuir¹. Em outras palavras, influenciado principalmente por Thompson², atento para a importância do "auto fazer-se" da classe operária. Nessa visão é evidenciada a história do movimento operário como resultado de lutas concretas e adaptado às condições materiais precisas. Nesse viés, o anarquismo e outras ideologias ou teorias políticas dentro do movimento operário passam a ter destaque como possíveis formas de resistência para o momento estudado. Estudar suas razões, formas de manifestações, adaptações e complexidade se tornam o novo alvo para a construção de uma História do Movimento Operário no Brasil e no mundo.

Palavras-chaves: Anarquismo. Sindicalismo. Imprensa e Movimento operário. Militância.

* Graduando em História pela Universidade Federal de São Paulo. Integra o grupo de pesquisa “História, Memória e Patrimônio do Trabalho” na mesma instituição.

¹ De acordo com a linha de raciocínio de HALL, Michael; PINHEIRO, Paulo. “Alargando a História da Classe Operária: Organização, Lutas e Controle.” *Coleção Remate de Males* .n 5, 1985. pp. 96-120

² THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa: A Árvore da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. vol. 1.

A partir do início do século XX, a circulação de periódicos operários no estado de São Paulo começava a se intensificar consideravelmente.³ Igualmente como na Europa, o proletariado nascente foi alvo da exploração física e mental, que se encontravam tanto nas cidades quanto no campo. Os baixos salários e as condições de vida precárias reforçavam tal realidade.⁴

Militantes, muitos de origem estrangeira, mas outros nascidos no país, movidos por ideologias ou correntes políticas, se organizavam para lutar contra o sistema capitalista ou para o melhoramento deste. Entre eles estavam socialistas, anarquistas, sindicalistas ou pessoas que apenas simpatizavam com teorias libertárias. É fato que muitos trabalhadores nem sequer tinham uma ideologia definida, também é ilusório pensar que todos tinham uma consciência de classe almejando o fim do sistema burguês. No entanto, não é possível ignorar a organização e ação de muitos trabalhadores e militantes em torno de visões de mundo, que eram de fato expressivas.⁵

Embora, diversas vezes, esquecidos ou considerados como “pré-políticos” ou “sem propostas eficazes” por historiadores⁶ e outros políticos⁷, a presença de uma ação militante dentro do movimento operário em São Paulo e em outras cidades no Brasil foi bastante complexa e detinha uma força de contestação muito forte.

Como um exemplo notável, na segunda década do século XX em São Paulo, houve a greve geral de 1917. Acontecimentos marcantes como passeatas, prisões e a

³ Ver TOLEDO, Edilene. *Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Tese de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1994. pp 25-27.

⁴ É necessário deixar clara a diferença entre a formação da classe operária na Europa e no Brasil. Nildo Viana salienta que, na Europa, houve a transição do feudalismo para o capitalismo, fator decisivo para o trabalho servil se transformar paulatinamente em outras formas de trabalho, como o fabril. No Brasil, a transição se deu do escravismo colonial para o trabalho semilivre e livre: “[...]Logo, o proletariado brasileiro é formado não por uma população camponesa e artesã, tal como ocorrera na Europa, mas principalmente pela vinda de estrangeiros ao país.” Ver VIANA, Nildo. “A aurora do Anarquismo”. IN: DEMINICIS, Rafael; FILHO, Daniel Aarão Reis (org.). *História do Anarquismo no Brasil (volume um)*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2006. p. 25.

⁵ Ver LOPREATO, Christina Roquette. *O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.

⁶ Boris Fausto aponta a debilidade do movimento operário e seu fracasso político em seu primeiro momento. Para o autor, tal fato provinha da posição secundária da indústria, da exclusão dos trabalhadores da política e do movimento anarquista que se baseava em críticas morais e não propunha táticas avançadas de alianças, contribuindo para o isolamento do proletariado estrangeiro e aumentando o poder das classes dominantes no período. FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e Conflito social: 1890-1920*. São Paulo: Difel, 1977.

⁷ Astrojildo Pereira, outro militante do período, que posteriormente trocava o anarquismo pelo comunismo, tratou de dividir o movimento operário em uma fase inconsciente e prematura, marcada pela predominância dos libertários, e outra fase, para este madura e politicamente engajada, trazida com o nascimento do Partido Comunista. PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922-1924)*. São Paulo: ed. Ciências Humanas, 1980.

morte de trabalhadores como o do anarquista espanhol José Martinez fizeram com que muitas vezes as ruas da cidade fossem tomadas com muitos adeptos nas reivindicações.⁸ Tais eventos mostram a força da organização política e sindical nos centros industriais do Brasil nesse período.

Há quem afirme que tal greve não passou de um acontecimento espontâneo devido às péssimas condições de trabalho e moradia entre os trabalhadores nesse período, somado à incerteza que a Primeira Guerra trazia às pessoas.⁹

O argumento e a análise das condições materiais existentes não podem ser refutadas para entender o movimento operário e a referida greve. Os próprios militantes do período usavam tal argumento.¹⁰ Porém, somado a isso, a análise de periódicos, comícios e discursos dos militantes e trabalhadores revela claramente uma articulação iniciada no começo do século para a realização de tal acontecimento. Christina Lopreato parece assertiva em sua obra “O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917” onde afirma categoricamente que a referida greve construída em seus detalhes revela a “presença de uma estratégia política em ação desde o início do século e fortemente enraizada no interior do nascente movimento operário”.¹¹

Um aspecto em destaque é o fato que muitos periódicos operários de circulação na cidade mostravam apoio e táticas para a greve. Nesse evento, muitos militantes de orientação anarquista mostravam uma participação decisiva, escrevendo e organizando periódicos, participando de comícios e piquetes, tentando atrair os trabalhadores para a ação direta.¹²

Embora muito criticada por alguns militantes e periódicos anarquistas, especialmente o periódico *La Battaglia*, a participação sindical e a ação direta estiveram entre os principais meios de manifestação anarquista. Alguns anarquistas criticavam a ação sindical por reivindicar apenas melhorias de vida dentro do sistema capitalista (reformismo) e ofuscar a revolução almejada. Outros anarquistas, no entanto, enxergavam o sindicalismo como arma eficiente para a formação política libertária dos trabalhadores, e adentravam nestes como uma tática para disseminar tal ideologia.¹³

⁸ LOPREATO. *Op. Cit.* pp. 12-19.

⁹ Ver FAUSTO, Boris. *Op. Cit.*

¹⁰ Mais detalhes desse debate estão em BIONDI, Luigi. “A greve geral de 1917 em São Paulo e a imigração italiana: novas perspectivas”. Cadernos AEL. *Imigração*. Campinas-SP: Unicamp, 2000. pp. 259-310.

¹¹ LOPREATO, Cristina. *Op cit.* p. 13.

¹² Ver LOPREATO. *Op. cit.*

¹³ SAMIS, Alexandre. *Minha Pátria é o Mundo Inteiro*. Neno Vasco, o Anarquismo e o Sindicalismo Revolucionário em Dois Mundos. Lisboa: Letra Livre, 2009. p. 161.

Periódicos anarquistas apoiavam e articulavam greves e piquetes dentro do operariado de São Paulo. Dessa maneira, apesar das diferenças estratégicas, os militantes se uniam tendo como fio condutor a propaganda política para as massas e o incentivo à ação direta. A educação se torna um dos elementos principais entre estes. O objetivo comum era uma sociedade livre da Igreja, do capitalismo e do Estado (em todos os níveis). Estava em pauta, em nível transnacional, uma ideologia que representava um tipo de socialismo revolucionário almejando a autogestão e a conciliação entre liberdade coletiva e individual.¹⁴

Desde o final do século XIX, o Brasil começava a receber os primeiros imigrantes anarquistas que deixariam traços profundos no movimento operário. Entre eles estavam o português Neno Vasco, os italianos Oresti Ristori, Giulio Soreli, Gigi Damiani, Luigi Magrassi, Angelo Bandoni¹⁵ e também outros nascidos no país como Benjamin Mota. Tais militantes participaram ativamente, denunciando a exploração da mão-de-obra imigrante nas fábricas e fazendas e incentivando a organização e a ação direta. A partir de 1900, a organização operária começa a se solidificar, apresentando as primeiras ligas operárias, greves e manifestações. Nesse período em São Paulo, uma série de novos periódicos libertários começam a circular pela cidade como *O Grito do Povo*, *Palestra Social*, *A Lanterna*, *Germinal*, *La Nuova Gente*, *O Amigo do Povo*, *O Livre Pensador*, *L'Asino*, *La Battaglia*, *Azione Anarchica*, e outros títulos que adentravam no movimento operário a fim de estabelecer uma propaganda de libertação tanto econômica quanto moral ou mesmo para a melhoria das condições existentes.¹⁶

As perseguições policiais são um fator importante para entender a grande influência de tais periódicos. Os constantes empastelamentos e perseguições a militantes desde o final do século XIX e reforçados no período das greves, revelam o medo das classes altas do período do efeito da propaganda libertária no movimento operário.¹⁷

Outra importante evidência da grande circulação que estes periódicos tinham entre o operariado, podemos destacar a própria quantidade de impressões. *O Palestra*

¹⁴ Para adentrar na discussão ver CORRÊA, Felipe. *Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: EACH – USP, 2012.

¹⁵ É necessário lembrar que a presença de imigrantes, principalmente italianos, foi de essencial importância para o potencial desenvolvimento do anarquismo na capital paulista. Obviamente, este não foi o único fator para o florescimento e penetração do movimento libertário na cidade, mas não pode ser refutado para um entendimento completo. BIONDI, Luigi. *La stampa anarchica in Brasile: 1904-1915*. Tese de Láurea defendida junto ao Departamento de História Contemporânea da Università di Studi di Roma “La Sapienza”, 1993-1994.

¹⁶ TOLEDO, Edilene. *Op. cit.* pp. 23-36.

¹⁷ Ver SILVA, Rodrigo. As ideias como Delito: “A imprensa anarquista nos registros do DEOPS-SP (1930-1945)”. IN: DEMINICIS, Rafael; REIS FILHO, Daniel (orgs.). *Op.cit.* pp. 113-131.

Social, por exemplo, publicado entre 1900 e 1901, ofereceu uma tiragem de 1.200 nestes anos, e também o periódico *La Battaglia*, fundado em 1904, que ofereceu uma tiragem de 5.000 exemplares.¹⁸

Importante força de ação no período foi à criação das primeiras ligas operárias de bairro, na Moóca, no Belenzinho, no Cambuci e na Lapa.¹⁹ Estas tinham como objetivo unir trabalhadores em movimentos de combate e de protesto contra a péssima qualidade de vida e em favor do melhoramento das condições de trabalho bem como a redução para uma jornada de 8 horas, pagamento semanal, a abolição do trabalho infantil e igualdade dos salários de homens e mulheres. Porém, a longo prazo, muitas dessas associações almejavam derrubar o sistema político, moral e econômico do período.²⁰

Várias greves importantes foram marcantes, como a de 1906 em Jundiaí sob a orientação da Federação Operária de São Paulo, ainda em fase de consolidação, que foi duramente reprimida e derrotada. Novamente em 1913 os trabalhadores contestaram a carestia de vida e em 1914 manifestaram-se contra o desemprego. Após isso, no período posterior, a Primeira Guerra Mundial que estimulava a procura de matérias-primas faziam os preços destes e dos gêneros alimentícios subirem novamente provocando mais reivindicações.²¹

A imprensa anarquista e o sindicalismo revolucionário em 1917

Levando em consideração tais afirmações, era clara, mesmo dentro do próprio período e entre muitos militantes, a necessidade da criação de um periódico que suprisse as necessidades reais desse momento decisivo e preciso na história do operariado. Sabendo disso, em junho de 1917, o militante anarquista Edgard Leuenroth, após um longo trabalho em inúmeros periódicos, publica estrategicamente o primeiro número de *A Plebe* em substituição de *A Lanterna*.²² Neste número, fica claro o intuito do

¹⁸ LEAL, Claudia Feierabend Baeta. *Anarquismo em verso e prosa: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)*. Tese de Mestrado. São Paulo- Campinas: Unicamp 1999. p. 20.

¹⁹ Ver FAUSTO, Boris. *Op. cit.* p. 203.

²⁰ Para adentrar sobre o estudo da criação das ligas de bairro ver LOPREATO. *Op.cit.* pp. 95-99.

²¹ Ver DULLES, John. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

²² Periódico fundado em 1901 por Benjamim Mota, advogado e militante anarquista. Por meio deste atacava a Igreja e seus associados, um dos pilares da desigualdade na visão dos anarquistas. Em 1909, Leuenroth passa a dirigir tal jornal. OLIVEIRA, Walter da Silva. *Narrativas à luz de A Lanterna: anticlericalismo, anarquismo e representações*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2008. pp. 32-

periódico, enxergando as greves do período como resultado de anos de propaganda, e um ponto claro de organização entre os trabalhadores:

Vai dando os seus resultados benéficos o trabalho de metodização do movimento libertário que há algum tempo se vem executando em São Paulo, no interior e em outros pontos do Brasil. Com grande satisfação constatamos isso, pois é uma obra cuja necessidade há muitos anos se fazia sentir.

A nossa propaganda vai, talvez, para mais de duas décadas que aqui se faz, com alguma intermitência, seguida, de quando em quando, de agitações populares ou de movimentos obreiros; até agora, porém, não se havia tentado dar corpo a esse movimento, coordenando os esforços, organizando os elementos dispersos aqui e ali, privados dos bons resultados consequentes da ação conjunta.

Esse é o trabalho que agora se está tratando de levar a cabo, já se tendo a prova de que, com esforço e perseverança, bastante se poderá conseguir nesse sentido [...] E o que mais constitui motivo de animação é o apoio que vai recebendo, embora lentamente, como é natural, devido às causas acima expostas, a *Alliança Anarchista*, constituída, não há muito tempo, em São Paulo, com o fim de servir de traço de união entre as nossas diversas agrupações e os camaradas dispersos por ali além. São bons sintomas de um necessário e urgente despertar. Entretanto, muito mais se poderá conseguir, se todos os libertários que são bastante numerosos, se dispuserem a fazer algo, e desenvolver um pouco mais de atividade.²³

Daí em diante, *A Plebe* assumiu, muitas vezes, o debate e a articulação central de tais greves e acontecimentos. O periódico foi fruto da própria agitação de 1917, que necessitava de um ponto claro de articulação e definição da situação.

A Plebe, que teve sua primeira edição em 09 de janeiro de 1917 e foi encerrado oficialmente apenas em 1949, viveu uma história atribulada, apresentava dificuldades financeiras por ser produto da ação de voluntários e além disso era alvo constante de perseguições policiais. Tais fatores fizeram com que o jornal muitas vezes cessasse sua circulação por determinados períodos de tempo, retornando algum tempo depois.²⁴ No início, seu principal editor era Edgard Leuenroth que contava com colaboradores bastante frequentes que já eram conhecidos em outros periódicos e eram militantes importantes. Podemos citar como exemplos principais Benjamin Motta, Isa Rutti, Astrogildo Pereira, Florentino de Carvalho, João Penteado, Andrade Cadete²⁵, Valeska-Mari, Gigi Daminani e Neno Vasco.

38.

²³ Leuenroth. "Vida libertária". *A Plebe*. N.1. P.2. 9 de junho de 1917.

²⁴ Ainda sobre a perseguição de anarquistas e outros militantes da causa operária e do periódico "A Plebe" ver Ody F. GONÇALVES. *Trajetória e ação educativa do jornal A Plebe (1917- 1927)* In: Revista de estudos da Educação, Quaestio, v.6, h. 2, UNISO, 2004 e CARNEIRO, Maria Luiza Tucci ; KOSSOY, Boris (org.). *A Imprensa confiscada pelo Deops: 1924-1954*. São Paulo: Ateliê Editorial: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Arquivo do Estado, 2003.

²⁵ GONÇALVES. *Op.cit.* p. 5.

A Plebe contava inicialmente com recursos dos próprios redatores, mas, mais tarde, adotou a coleta de donativos voluntários como estratégia alternativa. Em outro momento, o periódico precisava se manter com recursos próprios, para isso dependia diretamente dos grupos de bairro, dos sindicatos e de garantir o número de assinaturas suficientes para se editar o jornal. Como resultado de seu esforço e articulações em 1919, *A Plebe* já contava com a tiragem de 10.000 exemplares.²⁶

O periódico *A Plebe* saía possivelmente aos sábados e apresentava quatro páginas que perpassavam por diferentes tipos de críticas em diversos setores da sociedade. Eram normais e frequentes o anticlericalismo, o antimilitarismo, a crítica à politicagem eleitoral e burguesa, a crítica à Primeira Guerra Mundial, crítica a periódicos burgueses, apoio à educação libertária, sistemático apoio a leituras e ao autodidatismo e também a citação da mulher como elemento importante na revolução. Como exemplo desse último tema, observe o artigo escrito pelo chamado “Centro Feminino – Jovens Idealistas”, onde as próprias mulheres mostravam sua força e faziam seu apelo para o operariado:

O Centro Feminino – Jovens Idealistas do qual fazem parte algumas parentas dos operários presos e escolhidos pela polícia, para servirem de vítimas nos quais possa saciar o ódio que contra o povo nutre, só pede aos trabalhadores de São Paulo, por enquanto, uma coisa: que permaneçam unidos e firmes no seu propósito de fazer imperar a Liberdade e a Justiça. E de estarem atentos a primeira voz de alarme.²⁷

No entanto, como visto, o principal tema fundamentador e que dava a consistência ao jornal era o incentivo e a cobertura a greves e comícios. O apelo às greves era o tema central e comum a todos os números de *A Plebe* durante o ano de 1917 e até mesmo depois. Um dos seus redatores Raymundo Primitivo Soares, sob o conhecido pseudônimo de Florentino de Carvalho, um dos maiores expositores do anarquismo no período, explica a situação do momento no artigo “O porquê das greves”:

O operariado realiza, portanto, uma obra justiceira conquistando pela greve ou outros meios de ação direta tudo quanto lhe é extorquido, roubado legal ou ilegalmente. E não devem perder esta ocasião favorável em que os colocou o incremento do trabalho, que evita em parte a concorrencial de braços. O movimento deve generalizar-se a todas as classes, alastrar-se por todo o país,

²⁶ Idem. pp. 119-121.

²⁷ “Manifesto do Centro Feminino”. *A Plebe*. N. 14. P. 2. 22 de Setembro de 1917.

afim de que as conquistas sejam mais rápidas e radicais.²⁸

Os redatores do periódico enxergavam as próprias reivindicações como justas e encararam essa situação como única e importante do movimento operário e apelavam para que todos os trabalhadores participassem desta. Isso é evidente no primeiro número do periódico, no artigo intitulado “Ação obreira: o operariado de São Paulo parece despertar para a luta”:

A propaganda feita em numerosos comícios e em boletins não deixou de produzir o seu efeito, fazendo com que entre os trabalhadores, sujeitos agora, como nunca, a uma situação verdadeiramente intolerável, devido à ação aladroadada dos patrões, insaciáveis sangue sugas sociais, se comece a sentir a necessidade de agir contra os bandidos que, ao abrigo da lei, vivem a roubar o produto do seu trabalho insano. Alguns movimentos grevistas já se manifestaram ao mesmo tempo que se vai tratando de constituir associações de resistência e de acentuada luta social.²⁹

É interessante notar que embora o periódico tenha uma clara consistência anarquista de revolução, almejava a reunião e ação dos trabalhadores independentemente de ideologia definida. Por isso, o periódico destinava, em quase todos os números, uma página intitulada *Mundo Operário* onde eram reunidas notícias, denúncias e conselhos dentro de ações envolvendo trabalhadores em São Paulo e em outros estados. Observe nesse convite a um comício no terceiro número do periódico:

Convidamos, portanto a todos os operários e operárias adultos e menores e ao povo em geral a comparecer ao grande comício a realizar-se domingo, 24 do corrente, às 6 horas da tarde no largo São José (Belenzinho) para demonstrar que os operários grevistas não estão sós, que podem contar com o concurso de todas as classes trabalhadoras, de toda a população proletária. Companheiros: Este comício, com a presença de todos, deve ser um verdadeiro expoente da solidariedade operaria, de todos os que tem sentimentos de justiça e aspirações de liberdade. Viva a solidariedade operaria! Vivam as reivindicações populares! A Comissão Organizadora.³⁰

É claramente perceptível que o periódico não almejava alcançar apenas anarquistas, seu discurso abrangia toda a classe trabalhadora e até mesmo todo o povo em geral em prol de um sentimento que reivindicavam, que na interpretação destes seria de justiça e liberdade.

Do mesmo modo fica evidente, ao analisar o periódico, que não se pode negar

²⁸ Carvalho. “O porquê das greves”. A Plebe. N. 5. P. 1. 9 de Julho de 1917.

²⁹ Leuenroth. “Ação obreira: o operariado de São Paulo parece despertar para a luta”. A Plebe. N.1. P.3. 9 de junho de 1917.

³⁰ Leuenroth. “Mundo operário”. A Plebe. N.2. P.3. 23 de junho de 1917.

a consistência anarquista contida neste. Observe neste excerto, a preocupação do periódico em justificar os significados e a importância da ideologia anarquista:

Nascidos aqui ou além, estrangeiros em todas as pátrias, somos inimigos de todos os governos, de todas as classes privilegiadas e amigos de todos os povos, defensores de todas as vítimas.

Devido, portanto, a essa mentalidade nova, inteiramente liberta de preconceitos, graças ao caráter essencialmente universal da doutrina professada, os anarquistas, submetendo os próprios sentimentos ao império da razão, refletida e serena, falam da guerra e das causas que a provocaram como das responsabilidades diretas que na mesma tem os governos, sem se deixar arrastar por simpatias ou antipatias, que, dados os preconceitos ambientes e um exame superficial dos acontecimentos, podem parecer legítimas e de cuja sinceridade nem sempre é lícito duvidar.

[...] Aconteça o que acontecer, não devemos esmorecer, nem deixar-nos arrastar no vendaval que parece ameaçar a integridade e solidez da nossa construção doutrinária. Se há quem proclame a falência de nosso ideal e de todas as aspirações que o personifiquem, a verdade é que esta guerra traduz a derrocada de todas as doutrinas burguesas, morais, religiosas, sociais.³¹

Ao ler o periódico é perceptível, em vários momentos, explicações sobre o alcance e importância do anarquismo como teoria, movimento e ideologia em tópicos como “A Aliança Anarquista ao Povo” ou “Anarquismo”. O periódico, como visto, foi além e se ocupava em explicitar a ação e postura que os anarquistas deviam ter diante dos acontecimentos. Além disso, citações de teóricos e poemas anarquistas foram expostos frequentemente.

O periódico contava com essa estratégia fundamental, os redatores usavam como tática de propaganda, colunas com notícias do movimento operário de forma neutra, mas sem deixar de apresentar no mesmo número, muitas vezes, a teoria anarquista para organizar tais eventos e guiar a revolução almejada. Tal estratégia era resultado da própria teoria anarquista que não almejava alcançar apenas libertários, antes o projeto internacional destes era unir todo o povo incluindo a massa de trabalhadores, contra o sistema capitalista, considerado exploratório.³² Além disso, o periódico era fruto de uma realidade concreta e de uma articulação entre os redatores experientes e assíduos no movimento operário de São Paulo. No trecho extraído a seguir, o periódico no artigo “O proletariado” evidencia novamente a força e a importância da organização entre os trabalhadores em todo o Brasil:

O clarim da liberdade ressoa por toda a parte chamando a postos os

³¹ Leuenroth. “A aliança anarquista ao povo”. A Plebe. N.3 P.4. 23 de junho de 1917.

³² Ver SAMIS. *Op. cit.*

defensores da causa libertaria, da causa do povo. Do norte ao sul do Brasil, o movimento operário esta em plena atividade, cresce o número de sindicatos e associações de classe, bem como o número de aderentes. São frutos das ultimas agitações.

[...] Proletários! Uni-vos, agrupai-vos todos sob a mesma bandeira, certos de que a união vos dará a força e a vitória com a qual podereis quebrar para sempre a grilheta da miséria que nos escraviza.³³

Se tal trecho fosse isolado, sem o conhecimento prévio de que se trata de um jornal anarquista, muitos concluiriam que as palavras expostas a seguir fariam parte de qualquer periódico operário ou até mesmo de qualquer livro de doutrinação socialista. Na verdade tal interpretação é um erro crônico que insiste em separar o movimento anarquista da história do Socialismo³⁴, ignorando que estes também, muitas vezes, inclusive no período, se consideravam parte das lutas concretas do movimento operário³⁵ como a própria fonte deixa evidente. Ou seja, não se trata de um erro dentro do jornal, desvio ideológico dos redatores ou da falta de um projeto político, antes faz parte de uma propaganda e estratégia entre os redatores a fim de despertar o anseio de liberdade entre os trabalhadores em geral.

Podemos concluir que o tipo de associação sindical *A Plebe* propunha, não era o anarcossindicalismo ou uma associação só de libertários, mas era um sindicalismo de orientação revolucionária.³⁶ Ou seja, que priorizava e julgava mais eficaz a união de diferentes orientações ideológicas e políticas para a construção de uma força operária. Além disso, seria mais benéfico do ponto de vista estratégico para esses redatores e militantes uma propaganda maior e mais consistente de sua concepção e ideologia revolucionária entre os trabalhadores, almejando trazê-los para à ação direta.³⁷ Com outras palavras, seria um modo da não exclusão dos ideais libertários no movimento operário e a tentativa de uma politização entre estes.

Não esta sendo afirmado que houve uma recusa ideológica³⁸ por parte dos

³³ Vieira de Souza. “O proletariado”. *A Plebe*. N.9 P.2. 11 de agosto de 1917.

³⁴ O historiador Hobsbawn deixou clara sua posição afirmando que o movimento anarquista nada acrescentou nas lutas socialistas. Ver HOBBSAWN, Eric. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. pp. 67-90.

³⁵ Estudos recentes em nível internacional e nacional vem mostrando a importância do movimento anarquista nos movimentos sociais e dos trabalhadores. Ver SCHMIDT, Michael; WALT, Lucien van der. *Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism*. Oakland: Ak Press, 2009. P. 46.

³⁶ Ver SAMIS, Alexandre. *Minha Pátria é o Mundo Inteiro*. Neno Vasco, o Anarquismo e o Sindicalismo Revolucionário em Dois Mundos. Lisboa: Letra Livre, 2009. p. 161

³⁷ VENZA, Claudio. “O Anarco-Sindicalismo Italiano Durante o “Biennio Rosso” (1919-1920)”. IN: *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004. p. 222.

³⁸ Aqui não utilizamos o termo ideologia no sentido marxista de mascarar a realidade, mas como um conjunto de ideias e valores que visam orientar comportamentos políticos coletivos associado tanto à

redatores, o fato que quero colocar aqui, é que os anarquistas em *A Plebe* não estavam isolados da luta do período e nem faziam por onde, ao contrário, sua escolha pelo sindicalismo revolucionário estava sendo usada como estratégia entre os libertários em nível internacional, como impulsionada por Bakunin desde a Primeira Internacional e proposta por Malatesta ³⁹, um “anarquismo de massas” ⁴⁰. O tom das colunas, às vezes “imparcial”, revela uma tática de militância que tinha como objetivo uma maneira assertiva para adentrar no movimento operário.

Um dos principais periódicos que tiveram também destaque nesse período, era o *Guerra Sociale*, periódico anarquista e publicado em língua italiana desde 1915. Tal periódico tomou a iniciativa de juntar as tendências anarquistas em São Paulo e propuseram tal aliança a fim de:

reunir numerosos camaradas que se encontravam dispersos por todo o país, vivendo na mais completa apatia por falta de coesão, de relações de solidariedade que deveriam existir perenemente, de maneira ativa e eficaz entre homens que sentem as mesmas aspirações, professam os mesmos princípios e lutam pelo mesmo ideal.⁴¹

O *Guerra Sociale* acreditava predominantemente no levante espontâneo das massas, um “anarquismo insurrecionalista” e sempre criticou a associação entre anarquistas e os sindicatos. Mas nesse momento preciso apostava na união das tendências anarquistas, a fim de adentrarem no meio operário, vislumbrando uma levante contra o sistema de dominação.⁴² Tal periódico teve bastante influência entre os trabalhadores italianos ou filhos destes, uma vez que era escrito em sua língua de

ideia quanto à prática. Para adentrar sobre a discussão dos termos ideologia, teoria e estratégias que serão usados ver CORRÊA, Felipe. *Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: EACH – USP, 2012. pp. 81-147

³⁹ Os autores Michael Schmidt e Lucien Walt atentam para o fato que o verdadeiro embate estratégico dos anarquistas não era entre anarcossindicalismo e anarcocomunismo. Mas “anarquismo de massas”, que proporia táticas para a aproximação do anarquismo entre a classe trabalhadora vislumbrando uma insurreição efetiva tendo o sindicalismo revolucionário como principal instrumento. E de outro lado, o “anarquismo insurrecionalista” que desconfiaria da aproximação exacerbada com os sindicatos e acreditaria na propaganda pelo fato como método revolucionário. Ver SCHMIDT, Michael; WALT, Lucien van der. *Op. cit.*

⁴⁰ Ver SCHMIDT, Michael; WALT, Lucien van der. *Op. cit.* p. 123.

⁴¹ “Aliança Anarquista”. *Guerra Sociale*. P1. 30 de setembro de 1916. Citado em LOPREATO, Christina Roquette. *Op. cit.* p. 61.

⁴² É necessário deixar claro que a união de todos os setores esquerdistas e anarquistas também estava em uma pauta anarquista internacional tentada por Malatesta. Mas nesse momento, parecia tomar força e ser acreditada pelos anarquistas como Edgard Leuenroth. Ver Biondi, Luigi. BIONDI, Luigi. “Na construção de uma biografia anarquista: os últimos anos de Gigi Damiani no Brasil”. In: DEMINICIS, Rafael; FILHO, Daniel Aarão Reis (org.). *Op. cit.* p. 169.

origem.⁴³

Militância e ação

Certamente Leuenroth foi um dos militantes mais importantes do período. Constantemente quando é mencionado sobre o periódico em questão ou mesmo sobre a greve geral de 1917 muitos têm a primeira imagem deste importante ativista que através de seu trabalho de propaganda através de periódicos juntamente com sua militância em passeatas e comícios deixou um rastro marcante no movimento operário e na imprensa de São Paulo no período em que viveu.⁴⁴

Leuenroth sempre teve sua vida vinculada ao jornalismo e ao movimento operário. Nasceu em 1881 na cidade de Mojimirim, interior de São Paulo, filho de um farmacêutico. O pai era um imigrante austríaco. Aos cinco anos de idade, após o falecimento de seu pai, mudou-se com sua mãe e irmãos para a capital. Passando por dificuldades financeiras, abandonou os estudos para trabalhar. Com 15 anos começou a trabalhar como tipógrafo para o periódico *O Comércio de São Paulo* onde teve contato tanto com o jornalismo como com os problemas sociais da capital. Um ano depois, funda seu primeiro jornal chamado *O Boi*, anticlerical e que apoiava o livre pensamento. Mais tarde, em substituição deste fundou *A Folha do Brás*, ampliando suas críticas aos problemas envolvendo os trabalhadores no bairro onde residia. Foi também fundador de diversas entidades vinculadas à imprensa como o *Centro Typographico de São Paulo*, a *União dos Trabalhadores Gráficos*, a *Associação Paulista de Imprensa* e a *Federação Nacional da Imprensa*.

Daí em diante passou sua contribuição a toda a cidade e teve seu contato com militantes anarquistas com quem publicava diversos periódicos como *O Alfa*, *Folha do Braz*, *A Terra Livre*, *A Lucta Proletária*, *A Guerra Social*, *O Povo*, *A Capital*, *A Lanterna* e outros.

Com isso e aproveitando as reivindicações dos trabalhadores no período bem como a situação crítica da política do período, Leuenroth lançou, em substituição do periódico anterior, *A Plebe*. Como analisado anteriormente, o periódico era a própria

⁴³ Uma análise sobre a *Alliança anarquista* contida no periódico *Guerra Sociale* esta na obra de Christina Lopreato. Ver LOPREATO, Christina. *Op.cit.* pp. 60-73.

⁴⁴ Para mais informações da biografia de Leuenroth ver KHOURY, Yara Aun. *Edgard Leuenroth: Uma voz libertária imprensa, memória e militância anarcossindicalista*. São Paulo: USP, 1988. Tese (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

expressão dos problemas naquele momento, sendo principal noticiador dos mesmos. Além disso era um resultado da chamada *Alliança Anarquista* visando tanto uma união dos anarquistas em geral para um bem comum quanto para convencer o povo, entre eles os trabalhadores, para a destruição do sistema de dominação capitalista.

Acompanhando a trajetória de Leuenroth é notório que o militante sempre esteve em meio às pautas dos trabalhadores e ao mesmo tempo havia trabalhado com importantes militantes anarquistas como Benjamin Mota, Neno Vasco, Gigi Damiani. Assim obteve um bom contato com essa ideologia perceptível desde os primeiros periódicos com que estava envolvido. Com efeito, tinha consciência empírica tanto dos problemas dos trabalhadores e suas pautas de reivindicações quanto das propostas dos anarquistas naquele momento.

Em *A Plebe*, Leuenroth fez isso muito bem, de um lado podia noticiar os acontecimentos envolvendo trabalhadores em São Paulo e outros Estados, e de outro ampliava sua crítica ao capitalismo, Igreja e Estado visto por ele e pelos redatores do periódico como nocivos e causadores das injustiças sociais. Também poderia reunir diversos anarquistas militantes como redatores possibilitando criar um periódico exemplar de educação libertária e ao mesmo tempo porta-voz dos próprios acontecimentos do período.

Além de ser o criador e principal redator do periódico, a principal contribuição de Leuenroth foi nunca deixar de se preocupar com as pautas de reivindicações dos trabalhadores escrevendo sempre a coluna “Mundo operário” e assim incitando-os a se mobilizarem para melhorarem as suas condições. Mais do que isso, almejava que os trabalhadores se rebelassem contra a tirania do Estado e de seus chefes participando de greves e a partir disso fossem adeptos de uma insurreição:

Vem este jornal ser um eco permanente das lamentações, dos protestos e do conclamar ameaçador dessa *Plebe* imensa que desde os seringais da Amazônia aos pampas sulinos, em terra, no mar, nas escuras galerias do subsolo, nos ergástulos industriais ou nos ínvios sertões vive sempiternamente a mourejar em condições de escravos modernos, para manter na opulência os ladrões legais que aqui, em má hora, viram a luz do dia, ou, como aves de rapina, aportaram de outras paragens.

[...] Urge, portanto, prosseguir na obra dos abnegados de outrora para que, quando além das fronteiras convencionais ruir fragorosamente o arcabouço apodrecido do regime social dominante, também o povo desta terra, no arrebol de um novo e sublime 13 de Maio, conquiste a sua alforria derradeira, fazendo com que o Brasil, passando a pertencer a todos os seus habitantes, a todos proporcione a vida folgada e feliz que a exuberância trabalhada de suas

riquezas naturais permitem. E com esse objetivo que vem lutar *A Plebe*.⁴⁵

Leuenroth não só teve papel na propaganda como jornalista, mas participou das reivindicações, engrossando fileiras nas passeatas de ruas.⁴⁶ Assim, representava uma ameaça para autoridades e empregadores do período e é por isso que no mesmo ano foi preso passando a ser tema de muitas colunas que incitavam o trabalhador a lutarem em defesa de militantes presos. Nesse período, Florentino de Carvalho procurou manter a publicação de *A Plebe*.

Na estreia de *A Plebe*, Leuenroth por meio de correspondências, tentava manter contato e unir importantes anarquistas que não estavam no Brasil. Um deles foi Neno Vasco⁴⁷ que já tinha papel importante na história do anarquismo dentro da imprensa e do movimento operário do país.

Gregório Nazianzeno de Vasconcelos (nome verdadeiro de Neno Vasco) nasceu em Portugal em 1878 e com oito anos de idade vem para São Paulo com sua família. Volta para seu país de origem para concluir seus estudos em bacharel em direito. Após isso, em 1900, começa a se envolver com atividades militantes denunciando as arbitrariedades da polícia e a escrever em periódicos republicanos. Mas é com sua volta a São Paulo em 1901 que tem contato com militantes anarquistas e com a obra de Errico Malatesta.⁴⁸ Daí em diante, Vasco passa a apoiar o sindicalismo como tática importante entre os anarquistas para a construção de uma nova ordem. Para ele, era um erro separar o anarquismo do movimento operário bem como tentar dissociar a união dos dois movimentos. Vasco escreve em sua obra:

Se procurarmos, não as origens filosóficas do ideal anarquista, nem a filiação do sentimento libertário nas revoltas e aspirações populares do passado – porque isso perde-se vagamente na noite dos tempos – mas sim no aparecimento dum movimento anarquista definido, do anarquismo operário com todas as características essenciais que tem hoje, vamos encontrá-lo sindicalista antes do termo, no seio da Internacional e das associações internacionais que Bakunin foi o principal inspirador, fundindo e vivificando as ideias marxistas com o pensamento de Proudhon e dos socialistas franceses.⁴⁹

⁴⁵ Leuenroth. *A Plebe*. “Rumo à Revolução Social”. N.1 Ano I. P.1. 9 de Junho de 1917.

⁴⁶ É assertiva a análise da autora Yara Khoury quando diz: “Leuenroth, como integrante do movimento anarquista, fez de seus jornais veículos de militância; investindo na construção da “revolução anárquica”, lutou contra o poder instituído e contra todas as formas de dominação e exploração que identificava na sociedade, propondo a ação livre e direta de todas as pessoas.” KHOURY, Yara Aun. *Op.cit.* p. 118.

⁴⁷ Biografia feita a partir de SAMIS, Alexandre. *Op.cit.* Lisboa: Letra Livre, 2009.

⁴⁸ Ver SAMIS, Alexandre. *Idem*.

⁴⁹ VASCO, Neno. *Concepção anarquista do sindicalismo*. Edições afrontamento, 1984. p. 75

Como tática indispensável e historicamente situada, o anarquismo deveria se associar com os trabalhadores a fim de conscientizá-los para a libertação deles próprios e de toda massa contra o sistema opressor. Vasco continua:

Para alcançar essa organização social, (como qualquer outro fim já realizado ou a realizar), é indispensável uma ativa e grande obra de propaganda e organização. Nela estamos empenhados. Como para todos os partidos que têm um ideal a realizar, os nossos inimigos são a ignorância das massas, a sua destruição é a força material da burguesia constituída em Estado (com ou sem aparência popular).⁵⁰

Visando a propaganda libertária, Vasco participou da edição do periódico *O Amigo do Povo* em 1902 onde teve importante destaque. Tal periódico foi um dos mais importantes jornais anarquistas até então que abria uma discussão com o movimento operário influenciando e participando de muitas reivindicações do período.⁵¹

Realmente, a tática de Neno Vasco e Leuenroth de inculcar o anarquismo entre os trabalhadores, o “anarquismo de massas” foi a principal corrente entre os militantes anarquistas do período.⁵²

Mas podemos destacar também que era comum entre os anarquistas em geral acreditarem que uma educação em bases racionalistas para toda a população traria uma atitude revolucionária a estes. Por isso, a propaganda para a reflexão racionalista deveria inculcar em todos uma nova moral, com a qual o clericalismo e a religião fossem extirpados, bem como inculcar a ciência e o progresso em detrimento da ignorância das massas existente devido, na interpretação dos anarquistas, ao próprio sistema exploratório e alienador do capitalismo.”⁵³

As escolas racionalistas, criadas nessa forma, estavam sendo pauta da discussão de anarquistas no Brasil desde o começo do século XX e já tinham sido apoiadas por importantes periódicos como *A Lanterna*.

Um principal representante dessas questões era João Penteado. Tal militante foi um dos principais pedagogos libertários em São Paulo. Nasceu em 1876 em Jaú, interior do estado. De uma família humilde, teve seus conhecimentos obtidos através do autodidatismo. Mais tarde foi selecionado via concurso a lecionar em sua cidade e em outras o ensino de primeira letras. Teve seu contato com as ideias anarquistas quando

⁵⁰ Idem. p. 66

⁵¹ Ver TOLEDO, Edilene. *Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Tese de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1994.

⁵² Ver SAMIS, Alexandre. *op.cit.* p. 161.

⁵³ Idem p. 14.

participou da organização dos protestos contra o fuzilamento na Espanha do pedagogo anarquista Francisco Ferrer, o elaborador da Escola Moderna, tendo sido indicado como orador do Centro Operário daquela cidade.⁵⁴

Mudou-se para a capital em 1912 onde se aproximou dos círculos anarquistas, tendo contato com importantes militantes como Leuenroth e Florentino de Carvalho. Com estes, fundou a primeira Escola Moderna em solo brasileiro no bairro paulistano do Belenzinho. Desde sua fundação, a Escola Moderna n° 1 teria Penteadó como seu diretor e professor, escolhido em Maio de 1912. A partir daí foi modelo e inspiração para outras escolas racionalistas em São Paulo.⁵⁵

Importante participação tiveram as mulheres na militância do período. Uma delas, Isabel Cerruti participou intensamente nas publicações deste bem como nas greves do período. Imigrante, provavelmente italiana, veio ao Brasil nos seus primeiros anos de vida e desde a adolescência já se aproximava dos temas libertários. Proferiu conferências, falava em comícios públicos e fez parte da *Liga Feminina Internacional* e no *Centro Educativo Feminino*. Embora sempre defendendo a posição da mulher, acreditava que a libertação deveria ser total e humana e portanto via os homens libertários como aliados em sua luta.⁵⁶

Sendo visivelmente uma militante anarquista em todos os níveis, Isabel não defendia governos políticos, liberais ou mesmo socialistas. Mostrava o anseio de libertação em todos os níveis. Criticar políticos e incentivar os trabalhadores a descreditarem nas eleições foi uma das principais contribuições de Isa Rutti:

Alerta, proletários! Não vos deixeis iludir pelos longos, intermináveis e saporíficos discursos do candidato crônico à presidência da República. Ruy não é, nunca foi amigo dos humildes, dos trabalhadores que lutam e sofrem em troca de um miserável pedaço de pão.[...] Para ele, a questão social se resume em meia dúzia de leis, que não seriam cumpridas e no direito que continuariam a ter os governantes de esmagar com o chanfalo policial ou sob as patas dos cavalos, as reivindicações dos explorados, de todos que só vivem do trabalho dos seus braços.⁵⁷

Podemos observar à intensa e complexa militância que muitos personagens, muitas vezes esquecidos, exerceram durante o período, criticando às forças dominadoras e construindo uma cultura e identidade política.

⁵⁴ Idem .p. 138-149.

⁵⁵ Idem .p. 138-149.

⁵⁶ Biografia realizada a partir de DIAS, Mabel. *Mulheres anarquistas: o resgate de uma história pouco contada*. João Pessoa: Imprensa Marginal, 2002. p. 27.

⁵⁷ Isa Rutti. "O Sr. Ruy e a Questão social". A Plebe. N.6 Ano II. P.1. 29 de março de 1919.

Como mostrado, suas pautas estavam embutidas dentro de uma ideologia internacional que apresentava diversas estratégias políticas e propagandísticas. Além disso, contestavam contra condições sociais concretas. Não está sendo afirmado que o movimento operário deve ser resumido ao anarquismo e nem se pretende maximizar seus efeitos no período, uma vez que estudos mostram a liderança expressiva de socialistas e sindicalistas na construção de uma identidade operária e na participação destes em greves, manifestações e comícios.⁵⁸ Mas, coloco em evidência aqui o fato de o anarquismo apresentar um projeto político importante, e longe de excluir os trabalhadores das lutas concretas do período, almejava trazê-los.

Nesse sentido, é perceptível que em 1919, em um contexto de intensa repressão sobre o movimento operário⁵⁹, o periódico em questão reforçou não apenas o desejo da união de todos os anarquistas, mas de todas as tendências ideológicas e políticas entre os trabalhadores. Tal tática de propaganda, surgida desde a fundação do jornal, tomava forma e contornos mais precisos quando Gigi Damiani⁶⁰ escreveu:

Será possível a concentração de todas as forças proletárias para um fim único de imediato alcance? Anarquistas, socialistas, sindicalistas poderão constituir um único organismo revolucionário sem que haja na luta dispersão de energias ou esforço contraditório? [...].

Sim, é possível, desde que não haja equívocos. Ontem era lícito discutir sobre parlamentarismo, salários mínimos, propaganda pelo fato, ação direta e insurrecionalismo. E era lícito, também traçar contornos indefinidos de uma sociedade longínqua. Hoje o problema é bem diverso. Passou-se a época dos discursos e chegou a hora dos fatos. Quem possui raciocínio e não vive na lua, deve confessar a si mesmo que os fatos, na sua maturação, exigem uma concepção positiva do que se deve fazer[...].

Anarquistas, socialistas, sindicalistas somos todos pela socialização imediata da propriedade. E se o somos todos hoje, não vamos agora discutir porque ontem não o éramos todos. Seria ocioso. Hoje a um ponto, e essencial, no qual anarquistas e socialistas (refiro-me aos socialistas que creem no socialismo e não nos cataplasmas em pernas de pau) encontramos sob o mesmo ponto de vista.⁶¹

⁵⁸ Ver BIONDI, Luigi. *Op. Cit.* e BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. *O Movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

⁵⁹ CAMPOS, Cristina Hebring. *O Sonhar Libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas-SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988. p. 26-56.

⁶⁰ Gigi Damiani teve uma forte militância em São Paulo antes de ser expulso em 1919, voltando para a Itália. Ver BIONDI, Luigi. “Na construção de uma biografia anarquista: os últimos anos de Gigi Damiani no Brasil”. In: DEMINICIS, Rafael; FILHO, Daniel Aarão Reis (org.). *Op. Cit.* p. 159-179.

⁶¹ Damiani. “Pela concentração dos partidos proletários”. *A Plebe*. N. 6. Ano II. P.4. 29 de março de 1919.

Fontes

Periódicos lidos (Arquivo Edgard Leuenroth – UNICAMP):

A Plebe. São Paulo. Ed. Edgard Leuenroth. 1917-1920.

Guerra Sociale. São Paulo. Ed. Angelo Bandoni. 1916-17.

Textos das teorias anarquistas.

BAKUNIN, Michael Alexandrovich. *Federalismo, Socialismo, Antiteologismo*. São Paulo: Cortez, 1988

KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch. *A anarquia: sua filosofia, seu ideal*. São Paulo: Imaginário, 2000.

MALATESTA, Errico. *Escritos revolucionários*. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2000.

_____. *Anarquistas, Socialistas e Comunistas*. São Paulo: Cortez, 1989

PROUDHON. “A propriedade é um roubo”. In: PASSETI, Edson ; RESENDE, Paulo. *Proudhon*. São Paulo: Ática, 1986.

VASCO, Neno. *Concepção anarquista do sindicalismo*. Edições afrontamento, 1984.

Referências bibliográficas.

AZEVEDO, Raquel. *A resistência anarquista: uma questão de identidade*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. *O Movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

COLOMBO, Eduardo; et AL. *História do Movimento Operário Revolucionário*. Tradução de Plínio Coêlho. 1ª ed., São Caetano do Sul: Imaginário, 2004.

CORRÊA, Felipe. *Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: EACH – USP, 2012.

DEMINICIS, Rafael; FILHO, Daniel Aarão Reis (org.). *História do Anarquismo no Brasil (volume um)*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2006.

DULLES, John W Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio

de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e Conflito social: 1890- 1920*. São Paulo: Difel, 1977.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *A formação das tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Maria Nazaré. *A Imprensa Operária no Brasil: 1880-1920*. Petrópolis: Vozes, 1978.

GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GONÇALVES, Ody Furtado. *Trajatória e ação educativa do jornal A Plebe (1917- 1927)* In: Revista de estudos da Educação, Quaestio, v.6, h. 2, UNISO, 2004.

GORDON, Eric Arthur. *Anarchism in Brazil: theory and practice, 1890-1920*. Louisiana, 1978.

HALL, Michael. *Imigrantes na cidade de São Paulo*. In: PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do Século XX*. V. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____ ; PINHEIRO, Paulo. “Alargando a História da Classe Operária: Organização, Lutas e Controle.” *Coleção Remate de Males*. n 5, 1985. P. 96-120.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, Nem patrão: Vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1981.

HAUPT, Georges. “Por que a História do Movimento Operário?”. In: *Revista Brasileira de História*. n. 10, 1986.

HOBSBAWM, Eric. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

KHOURY, Yara Aun. *As greves de 1917 em São Paulo e o processo de organização proletária*. São Paulo: Cortez, 1981.

_____. Edgard Leuenroth: *Uma voz libertária imprensa, memória e militância anarcossindicalista*. São Paulo: USP, 1988. Tese (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

LEAL, Claudia Feierabend Baeta. *Anarquismo em verso e prosa: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)*. Tese de Mestrado. São Paulo- Campinas: Unicamp 1999.

_____. *Pensiero e Dinamite: Anarquismo e repressão em São Paulo nos anos de 1890*. Tese de doutorado. São Paulo- Campinas: Unicamp, 2006.

LENA JR, Hélio de. *Astrojildo Pereira: um intransigente libertário (1917–1922)*. Dissertação de mestrado. Vassouras: Universidade Severino Sombra, 1999.

LINDEN, Marcel van der. “História do Trabalho: O Velho, o Novo e o Global. In: *Revista Mundos do Trabalho*, v.1, n.1. 2009.

LOBO, Elisabeth Souza. *Emma Goldman: a vida como revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LOPREATO, Christina Roquette. *O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.

MAGMANI, Silvia Lang. *O movimento anarquista em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquismo, imigrantes e o movimento operário brasileiro: 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RODRIGUES, Edgar. *Libertários: ideias e experiências anárquicas*. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. *Os anarquistas - trabalhadores italianos no Brasil*. São Paulo: Global, 1984.

ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori: Uma aventura anarquista*. Campinas. Tese de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998.

SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. São Paulo: Imaginário, 2002.

_____. *Minha Pátria é o Mundo Inteiro. Neno Vasco, o Anarquismo e o Sindicalismo Revolucionário em Dois Mundos*. Lisboa: Letra Livre, 2009.

SCHMIDT, Michael; WALT, Lucien van der. *Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism*. Oakland: Ak Press, 2009.

SFERRA, Giusepina. *Anarquismo e Anarcossindicalismo*. São Paulo: Ática, 1982.

SILVA, Rodrigo Rosa da. *Imprimindo a Resistência: a imprensa anarquista e a repressão política em São Paulo (1930-1945)*. Tese de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005.

SILVA, Rafael Viana da. *Indelévels Refratários: as estratégias políticas anarquistas e o sindicalismo revolucionário no Rio de Janeiro em tempos de*

redemocratização (1946-1954). Monografia em História. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 Ed.

_____. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOLEDO, Edilene. *Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Tese de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1994.

_____. *Travessias Revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890 – 1945)*. Campinas: Unicamp, 2004.